

# VISÍVEL E INVISÍVEL: O CORPO PARA MICHEL FOUCAULT E A POPULAÇÃO DE RUA EM BELO HORIZONTE

Pipe Nascimento<sup>1</sup>  
Fernando Luiz Zanetti<sup>2</sup>

## Resumo

O artigo visa refletir, a partir do conceito de corpo para Michel Foucault, sobre o fenômeno da população em situação de rua na cidade de Belo Horizonte. O motivo de realização desta pesquisa tem base na experiência laboral da pesquisadora enquanto arte-educadora no Serviço Especializado em Abordagem Social do município e, compreende um recorte de seu projeto de pesquisa durante o Mestrado em Educação e Formação Humana da UEMG. Por meio de um procedimento cartográfico, vamos analisar o livro *O Corpo Utópico - As Heterotopias*, e pensaremos os corpos das pessoas que vivenciam trajetórias de vida nas ruas, dialogando com uma nota técnica elaborada pelo Programa Pólos de Cidadania da UFMG, documento que trata da população em situação de rua na cidade pela ótica da assistência social. Se tratando da população de rua, notamos que esses corpos são visíveis e invisíveis para a sociedade: visíveis porque parte da própria comunidade tem empatia e age de forma assistencialista, como também o Estado tem o dever de garantir a proteção social; e também invisíveis, por conta da repulsa e violência direcionada a essa população, refletindo em uma série de violações e não garantia de direitos. Quais são os corpos que estão nas ruas de Belo Horizonte? É possível afirmar que a sociedade busca invisibilizar esses corpos? Dessa maneira, o estudo defronta a população de rua em Belo Horizonte com a ideia de corpo para Foucault e a não utopia dessas vidas que estão à margem da sociedade.

**Palavras-chave:** Corpo; Filosofia Foucaultiana; População em Situação de Rua; Assistência Social.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação e Formação Humana pela UEMG, bacharel em Teatro pela UFMG e Administração pela Faculdade Padre Arnaldo Janssen. [cult.gestao@gmail.com](mailto:cult.gestao@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor, mestre, bacharel, licenciado, possui formação em Psicologia pela Unesp de Assis e pós-doutorado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP. [fernando.zanetti@uemg.br](mailto:fernando.zanetti@uemg.br).

## **Introdução**

A PBH - Prefeitura de Belo Horizonte, em cumprimento às diretrizes da PNAS - Política Nacional de Assistência Social, destina equipes de profissionais com formações distintas, como artistas, psicólogas, assistentes sociais, pedagogas e pessoas que já estiveram em trajetória de vida nas ruas, para atendimento à população de rua, por meio do SEAS - Serviço Especializado em Abordagem Social (BRASIL, 2014). O serviço de busca ativa, compreende como base, a proteção social e a garantia de direitos para essa população que vive em situação de extrema vulnerabilidade social, que ocorre por meio da regularização de documentos, encaminhamentos para abrigos e acolhimentos institucionais municipais, gratuidade para os restaurantes populares da cidade, como também, através da escuta qualificada, compreendida como uma estratégia para estabelecer vínculos com os usuários e usuárias.

Durante o período de dezembro de 2020 a agosto de 2022, realizei abordagens sociais que envolveram a arte-educação, com o objetivo de auxiliar as relações entre as equipes e a pop rua, para a criação e o fortalecimento de vínculos que miram na superação de rua das pessoas atendidas, ideia empenhada pela assistência social por intermédio das políticas socioassistenciais. A função de arte-educadora permite acompanhar as abordagens, realizar escutas atenciosas e, de vez em quando, realizar atividades artísticas com os usuários e as usuárias, que ocorrem por meio do mapeamento de oportunidades geradas através dos sinais e das vontades dessas pessoas, verbalizadas ou não, que dão dicas de possíveis percursos para o desenvolvimento de oficinas e vivências com artísticas.

Sendo assim, as atividades de arte-educação no SEAS apresentam percursos diferentes para os atendimentos, no que diz respeito às abordagens não convencionais e não padronizadas, tal qual ocorre durante as abordagens técnicas, já que seguem um roteiro de processos pré-estabelecidos e princípios conforme a Tipificação do SUAS - Sistema Único de Assistência Social (2014). As questões que impedem as ações voltadas para as artes acontecerem de forma mais regular no serviço começaram a motivar a realização desta pesquisa. As regras estabelecidas e os atravessamentos constantes no dia a dia, demonstraram uma forma de pensar e de fazer que captava as pessoas atendidas, como também os trabalhadores, para um processo mecânico do sistema socioassistencial. Sendo assim, para percorrer caminhos contrários à universalização

dos saberes e dos métodos impostos pela assistência social para atendimento à população em situação de rua, teremos como base o conceito de corpo na filosofia foucaultiana, com o objetivo de pensarmos as relações de poder sobre os corpos da população de rua e como a arte-educação no SEAS atravessa essas pessoas.

Utilizaremos o método cartográfico para percorrer o território desta pesquisa, que segundo Félix Guattari e Suely Rolnik (1996), cartografar é traçar territórios existenciais, modos de pensar e se encontrar com modos de devir. Os autores nos contam que a cartografia constrói mapas de pensamentos e que organiza, sob um ponto de vista inédito, as relações que estão dadas nesses territórios. Para os autores, os territórios são fragmentados e o processo de cartografia vem a refletir sobre as histórias não contadas, sobre a não divulgação da realidade da população de rua e, acerca dos processos de subjetivação desses corpos por meio das experiências com a arte-educação. Esse contexto nos convida a pensar sobre o sentido de humanidade e a formação humana dessa população, sobre a nossa sociedade e sobre as linhas que atravessam as vidas das pessoas em situação de extrema vulnerabilidade, atendidas pelo serviço de abordagem social.

Para Foucault (2013), o corpo é atravessado por linhas diversas, como as vontades do próprio corpo e, linhas do mundo, que não se podem impedir de atravessá-lo. As linhas geradas pelo próprio corpo, como os vícios, os impulsos sexuais, a fome, dentre outros, são como as linhas do mundo, em movimento e transformação. As linhas formam os dispositivos, relações de saber-poder, nas quais podemos pensar as leis e as normas da assistência social como atravessamentos gerados pelas instituições do Estado, que por sua vez, são pensadas para controlar os corpos (FOUCAULT, 2022).

Esses corpos que estão à margem da sociedade defrontam com o conceito de corpo para Foucault (2013), pois são corpos atravessados por linhas diversas, atravessados pela realidade das ruas e pelas políticas públicas, vulneráveis à violência, ao abandono, ao esquecimento e à morte, corpos que são governados por poderes que deixam escapar a vida.

Quais são os corpos que vivem nas ruas de Belo Horizonte? É possível afirmar que a sociedade busca invisibilizar esses corpos? Quais são as forças que governam esses corpos em situação de extrema vulnerabilidade social? Tendo como base a filosofia foucaultiana, pensaremos a população em situação de rua em diálogo com uma nota técnica do Programa Pólos de Cidadania da Faculdade de Direito da UFMG (2021), pesquisa que expõe as violações de

direitos da população em situação de rua na cidade de Belo Horizonte pela esfera municipal, durante o início da pandemia causada pelo coronavírus.

### **Pop Rua: corpos visíveis e invisíveis**

O SEAS é um serviço de busca ativa e compreende e se baliza através da proteção social e da garantia de direitos para as pessoas que vivem em situação de rua, por meio da regularização de documentos, encaminhamentos para abrigos e acolhimentos institucionais municipais, gratuidade para os restaurantes populares da cidade, como também, pela escuta qualificada, compreendida como uma estratégia para estabelecer vínculos com os usuários e as usuárias. A função de arte-educadora permite acompanhar as abordagens, realizar as escutas qualificadas e, de vez em quando, realizar atividades artísticas com as pessoas atendidas, que acontecem através do mapeamento de vontades, verbalizadas ou não, que as pessoas atendidas sugerem durante os atendimentos.

As equipes do SEAS da regional centro-sul, que são diferentes das outras onze regionais da cidade, têm formações distintas: o educador-par, que é um cargo voltado para as pessoas que já estiveram em situação de rua e conhecem as manhas das ruas, como também, as pessoas atendidas passam a se identificar mais e a se espelham nesses profissionais para galgar sua superação de rua; os técnicos sociais, que são em sua maioria psicólogos e assistentes sociais, mas encontramos também pedagogas, sociólogas, filósofos, etc.; e os arte-educadores, profissionais com formação em artes, música, teatro, cinema, artes visuais, dança, arte terapia, dentre outros. Então, vão para os territórios as equipes formadas por três ou quatro pessoas, sendo uma delas responsável pela arte-educação. Como o serviço age de forma ativa, as demandas técnicas são as prioridades e, as atividades artísticas, acabam ocorrendo de forma pontual e sob os moldes da assistência social.

Ainda que o objetivo da arte-educação seja o fortalecimento de vínculos entre equipes e a pop rua, as oportunidades de realização de atividades artísticas são escassas. Essas atividades de arte-educação no SEAS, quando ocorrem, apresentam percursos diferentes para os atendimentos, no que diz respeito às abordagens não convencionais e não padronizadas, tal qual ocorre durante as abordagens técnicas, já que seguem um roteiro de processos pré-estabelecidos

e princípios conforme a Tipificação do SUAS - Sistema Único de Assistência Social (2014). A realização de atividades artísticas geram espaços e tempos não cotidianos, diferentes dos roteiros técnicos, permitindo que as relações se tornem mais próximas e, conseqüentemente, possibilitem a produção de subjetividades e de afetos.

Mas porque o SEAS não privilegia abordagens mais artísticas para se aproximar mais ainda dos usuários, ao invés de abordagens pré-estabelecidas e técnicas? A política pública está interessada em produzir afetos e subjetividades ou funciona como uma máquina de produzir sujeitos padronizados? Quais são os corpos que estão nas ruas e são atravessados pelas políticas socioassistenciais? Quais são os corpos que fazem da rua seu trabalho e moradia? É possível afirmar que a sociedade busca invisibilizar esses corpos?

Para Foucault, o corpo não é utópico, pois se faz presente e individualmente físico, corpo que é atravessado por forças diversas geradas pelo próprio corpo, como as vontades, a fome, o frio, as questões ligadas à sexualidade, como também se deixa atravessar por forças do que está a sua volta, atravessamentos do mundo capazes de penetrá-los sem qualquer resistência. Essas linhas que atravessam o corpo formam os dispositivos, que são relações de saber-poder, nas quais podemos pensar as leis e as normas da assistência social como atravessamentos gerados pelas instituições do Estado, que por sua vez, são pensadas para controlar os corpos (FOUCAULT, 2022).

Segundo Foucault (2013), o corpo é o contrário de uma utopia, pois é um lugar que está em todos os lugares, como estar um barco a navegar. Durante duas conferências no France-Culture em 1966, o filósofo revela que as sociedades antigas tentaram fazer o corpo desaparecer através das utopias. Ele pensa nessas utopias por meio do corpo incorpóreo, um corpo sem corpo, um corpo fantástico, invencível, com poderes, como nos contos de fadas; e também, na utopia do desaparecimento do corpo, no apagamento pela morte. As civilizações egípcias, consideradas cidades utópicas, nos deixaram como herança o corpo que sobrevive através dos tempos, por meio dos processos de mumificação do corpo desconfigurado, do corpo que nega o fim e a morte. Em civilizações micênicas, colocavam máscaras de ouro nos rostos dos reis defuntos para demonstrar seus corpos invencíveis, solares, divinos, gloriosos, um corpo que simboliza o terror para os inimigos, por ser um corpo imortal.

Já nos dias atuais, a arquitetura de mármore no cemitério transporta esse corpo para um estado

de eternidade, uma geometria que é uma coisa de pedra, inacabável como um deus. Foucault (2013) nos diz que isso ocorre desde os primórdios da história ocidental por conta do que ele vem chamar de mito da alma. A alma, uma consciência superior, funciona no corpo como uma coisa maravilhosa, pois mora no corpo, mas escapa quando quer: sonhando de olhos abertos, durante o sono e quando morremos. A utopia da alma é uma das mais fortes, já que o corpo desaparece e a alma vive para sempre. O lugar onde o corpo não pode estar é onde geram as utopias, contrárias ao corpo.

Foucault (2013) conceitua o corpo como o ponto zero do mundo, onde os caminhos e os espaços se cruzam. Ao mesmo tempo, o corpo está em parte alguma e nos dá como exemplo o corpo dos bebês. Durante meses, os bebês não sabem que têm um corpo e vivem dispersos, com seus braços, pernas, orelhas, olhos, boca, mãos, cabeça que só se organizam diante de um espelho. O autor reforça essa ideia ao nos expor que os gregos de Homero não se referiam aos corpos durante a vida, somente após a morte enquanto cadáveres. Assim, nos ensinaram a reconhecer o corpo através da morte ou por meio do reflexo no espelho.

Ainda, o autor reforça que ver o nosso corpo através da imagem do espelho, torna o corpo inatingível, assim como a nossa presença no corpo quando está em decomposição. Portanto, o corpo não é utopia, uma vez que esse outro lugar é inatingível. Porém, o corpo produz suas utopias, como exemplo, o ato de fazer amor, onde o beijo revela sensações desconhecidas para a boca, surgindo uma nova consciência do corpo através dos lábios do outro. Ainda sobre o amor, o filósofo nos diz: “É por isso que ele é parente tão próximo da ilusão do espelho e da ameaça da morte; e se, apesar dessas duas figuras perigosas que o cercam, amamos tanto fazer amor, é porque no amor o corpo está aqui” (FOUCAULT, 2013, pág. 16). O corpo, para o autor, é o elo entre todas as linhas que o atravessam.

A partir desse ponto, retomamos a questão: quais corpos estão vivendo em situação de rua na cidade de Belo Horizonte? O Polos de Cidadania (2021), programa de ensino e pesquisa social aplicada da Faculdade de Direito da UFMG voltado para a efetivação dos direitos sociais para pessoas em situação de vulnerabilidade, lançou no segundo ano de pandemia pela covid-19, uma nota técnica inédita, denominada População em Situação de Rua: Violações de Direitos e (de) Dados Relacionados à Aplicação do CadÚnico em Belo Horizonte, Minas Gerais, um estudo que nos conta sobre as violações de direitos pela PBH e, nos dá indícios sobre quais são

os corpos que sobrevivem nas ruas. A nota técnica datada em 2021 é aberta ao leitor com uma reivindicação, informando logo no primeiro parágrafo que o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ainda não incluiu a população de rua no Censo e que há um processo civil ajuizado pela Defensoria Pública Federal desde 2018 por essa inclusão nas pesquisas sociais. O arquivo pretendeu analisar os dados do CadÚnico - Cadastro Único para Programas Sociais referentes à população em situação de rua em Belo Horizonte, mensurar a quantidade de pessoas que se tornam indicadores desse fenômeno e, divulgar a pesquisa como meio de responsabilidade social e denúncia quanto à violação de direitos. Analisou ainda questões relacionadas a sexo, renda, escolaridade, cor, se os indivíduos possuem vínculos com programas socioassistenciais e suas situações familiares e de domicílio, a fim de contribuir para o cumprimento das legislações vigentes em defesa dessas pessoas.

Por intermédio das abordagens sociais e das atividades de arte-educação, foi possível acompanhar quais são os corpos que estão nas ruas ou mesmo perceber quais são os processos de subjetivação que esses indivíduos estão sendo atravessados em suas trajetórias. São corpos de mães e mulheres, filhas e esposas, corpos pardos e corpos pretos, alguns corpos brancos, corpos de pessoas transgêneras e cisgêneras, corpos de travestis e pessoas LGBTQIAP+<sup>3</sup>, corpos de homens negros cisgêneros de todas as idades, mas muito mais são os velhos, corpos idosos, corpos que nascem, se criam e envelhecem nas ruas. Ainda, corpos recém chegados, corpos indígenas, corpos amedrontados, corpos nômades, corpos que não conseguem se locomover, corpos que têm moradia e utilizam a rua para o sub-emprego, corpos de crianças abusadas, de mulheres estupradas, de travestis esfaqueadas, corpos de ex-presidiários, de pais de família que ficaram desempregados e não tiveram coragem de voltar para casa, corpos rurais que vieram para a capital e tiveram seus contratos de trabalhos encerrados, corpos consanguíneos, corpos de sangue adoecido, corpos de prostitutas, corpos de cristãos, corpos viciados, corpos expulsos de casa por serem gays e travestis, corpos que trocam de nome para fugir, corpos desapropriados e exilados, corpos doentes mentais, corpos que sonham, corpos que criam, corpos artistas, corpos educados e educadores, corpos transgressores, corpos que fazem a reciclagem do lixo urbano e ressignificam o desprezível, corpos que recebem doações, corpos indigentes, corpos que buscam

---

<sup>3</sup> Sigla: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queers, Intersexos, Assexuais, Pansexuais e, o mais significa que existem outras formas de identidades de gêneros e de sexualidades.

liberdade. Pelo olhar do trabalho, enxergamos corpos atravessados por um universo de linhas que reforçam ainda mais a não utopia do corpo, pois a vida desafia a morte a cada esquina e a cada encruzilhada esses corpos podem desaparecer.

Segundo o Polos de Cidadania (2021), a cidade registrou no segundo ano de pandemia causada pela covid-19 uma proporção de 9.200 pessoas vivendo em situação de rua, a partir dos dados contidos no CadÚnico, ainda que subnotificados. A principal abordagem da nota técnica trata da morte enquanto processo legitimado, a morte enquanto uma política de extermínio. Seu principal argumento trata das questões ligadas ao fracasso da prefeitura de Belo Horizonte no cumprimento da política de assistência social voltada para a coleta de dados da população de rua na cidade e, conseqüentemente, ao não surgimento de indicadores que favoreçam o avanço da proteção social na cidade no período de emergência sanitária.

O filósofo Achille Mbembe (2018) cita Foucault ao pensar sobre o poder que o racismo exerce sobre os corpos: “[...] racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder” (MBEMBE, A. 2018, pág. 18). Nesse sentido, para o autor, biopoder engloba as mais diversas relações de poder, seja do Estado, das leis, das políticas e de como o pensamento de controle e de punição dos corpos está voltada para uma relação de subjugação do corpo preto com a crueldade e a morte. A necropolítica cunhada pelo filósofo camaronês, vem nos contar que a política pensada para investir nas guerras e na violência, legitima e autoriza a morte e o extermínio das comunidades e dos sujeitos que não fazem parte da soberania do império pós-colonialista. O novo modo de governar é pelo massacre, sobre quem tem mais aparato de armas em detrimento de quem não participa desse jogo de poder.

Tecnologias de destruição tornaram-se mais táteis, mais anatômicas e sensoriais, dentro de um contexto no qual a escolha se dá entre a vida e a morte. Se o poder ainda depende de um controle estreito sobre os corpos [...]<sup>4</sup>, as novas tecnologias de destruição estão menos preocupadas com a inscrição de corpos em aparatos disciplinares do que em inscrevê-los, no momento oportuno, na ordem da economia máxima, agora representada pelo “massacre”. Por sua vez, a generalização da insegurança aprofundou a distinção social entre aqueles que têm armas e os que não têm”. (MBEMBE, A, 2021. pág.59).

Para Foucault (2022), a questão do poder sobre o corpo está na oposição entre luta e submissão. Segundo o autor, o poder ser considerado como repressivo e como uma eterna relação de

---

<sup>4</sup> Corte próprio.



domínio, é uma forma cômoda para analisar as questões que envolvem guerra e política sobre o controle dos corpos, pois ainda que a política seja uma forma de guerra silenciosa, o poder está atrelado aos discursos de verdade que nos subjetiva, afinal “somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer, em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2022, pág. 279).

## **Conclusão**

Para Foucault (2013), o corpo produz as suas utopias, corpo que é atravessado por forças diversas geradas pelo próprio corpo, como também se deixa atravessar por forças que estão à volta, atravessamentos capazes de penetrá-lo sem qualquer resistência. A cartografia de sua obra sobre o corpo utópico em conversa com a nota técnica do Polos de Cidadania da UFMG (2021), refletimos que os corpos que estão vivendo nas ruas de Belo Horizonte estão subjetivados a diversos dispositivos, estes que são atravessados e controlados pelo biopoder, dentre eles o racismo, sendo um dispositivo que atravessa os corpos e as políticas socioassistenciais. As abordagens técnicas ofertadas pela PBH através do Serviço Especializado em Abordagem Social, demonstram um pensamento técnico e padronizado no que diz respeito às experiências que a população de rua poderia vivenciar, a partir das atividades de arte-educação, que possibilitam o surgimento de outros lugares que o corpo pode habitar momentaneamente e, conseqüentemente fugir da dura realidade das ruas, negando esse lugar de subjetivação ao produzir subjetividades por intermédio das atividades artísticas.

A pandemia nos revela as estratégias do atual governo brasileiro com os fundamentos da necropolítica, pois elege o armamento da sociedade ao invés de investir em educação, cultura, assistência social e saúde. As vítimas da doença viral em nosso país mostraram não só a falta de investimentos sociais, histórico e emergencial, mas também a falta de interesse em manter viva e saudável a população de rua. As pessoas que estão nas ruas, obrigatoriamente, estão sendo violadas por uma sociedade excludente, racista, machista, misógina e transfóbica.

Portanto, o estudo não se encerra nesta conclusão, pois nos convida a pensar sobre como nós educadoras e educadores podemos investir esforços para promover uma maior visibilidade para

as questões subjetivas que atravessam a pop rua atendida pelo SEAS e, enquanto sociedade, como podemos tratar desse fenômeno enxergando os corpos que estão em trajetória de rua não como números, mas como corpos que burlam os processos civilizatórios impostos pelas políticas socioassistenciais.

Foucault (2022) nos diz que o papel do intelectual na prática militante é o de encontrar as falhas, os pontos fragilizados sobre o que se compreende enquanto história da sociedade e, encontrar, suas próprias táticas de subversão aos alvos que eleger para questionar. Para além da regularização da documentação civil, busca por acesso à moradia e alimentação, redução de danos pelo uso abusivo de álcool e drogas, identificação e encaminhamento a partir de crises que atravessam os corpos das pessoas em situação de vida nas ruas, as abordagens do SEAS na regional centro-sul revelam uma evidente demanda por afetividade, tanto nas relações entre os usuários e equipes, quando nas relações entre as próprias equipes que privilegiam os atendimentos técnicos. As artes deslocam as sujeitas, os tempos e os espaços de poder, oportunidades de produção de outros lugares, de lugares que afetam e despertam as subjetividades, que são tão potentes, mas ao mesmo tempo, invisibilizadas.

## Referências

### Livros:

FOUCAULT, M. **Michel Foucault - 1926-1984: O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert e tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1 edições, 2013.

\_\_\_\_\_. **Poder-Corpo**. In: Microfísica do poder. Organização, introdução e revisão técnica Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2022. 13ª ed.

GUATTARI, F. ROLNIK, S. B. **Micropolítica - cartografias do desejo**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1986.

MBEMBE, A. **Necropolítica - Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2022. 10ª reimp.

### **Arquivos on-line:**

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Brasília: MDS, 2009. Reimpressão de 2014. Disponível em: <[https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Normativas/tipificacao.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf)>. Acesso em: 26.10.22.

RIO GRANDE DO SUL. Justiça do Trabalho - TRT da 4ª Região (RS). **LGBTQIAP+: Você sabe o que essa sigla significa?** In Disponível em: <<https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/465934>>. Acesso em 26.10.22.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **População em Situação de Rua: Violações de Direitos e (de) Dados Relacionados à Aplicação do CadÚnico em Belo Horizonte, Minas Gerais**. Polos de Cidadania. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <<https://polos.direito.ufmg.br/nota-tecnica-sobre-o-cadunico-em-belo-horizonte-mg/>>. Acesso em 26.10.22.